

Bardella, Bracher, Vidigal, Ticoulat, Simonsen, Korff e Diniz, a discussão dos custos financeiros

27 JAN 1982

Simonsen adere, 'sem extremos'

Economia - Brasil

Simonsen admite ser necessário baixar as taxas de juros internos, mas é preciso também "evitar-se os extremos". Mais um aliado do setor industrial no Conselho Superior de Economia da Fiesp, nessa pregação, ele acredita ser possível encontrar-se uma maneira de aliviar-se a pressão dos custos financeiros, que têm prejudicado a indústria.

O tabelamento puro e simples dos juros internos, na opinião do ex-ministro do Planejamento, já mostrou ser uma alternativa fora de propósito, por ter sido uma experiência mal-sucedida e também por ter provocado uma perigosa queda das reservas nacionais. Mas nem por isso deve-se deixar as coisas como estão hoje: é preciso, para Simonsen, evitar-se o que existe atualmente e que poderia ser resumido em um "tabelamento às avessas".

É impossível desatrelar os juros internos das taxas internacionais. O que se pode fazer, acrescentou Simonsen, é atenuar as pressões internas dos juros, com mecanismos capazes de suavizar seus efeitos. O ex-ministro citou, entre

outras idéias, de vários autores: 1) um tratamento fiscal diferenciado, às empresas que captaram recursos em moeda estrangeira e nacional; 2) uma mistura de contingenciamento, pelo qual as empresas poderiam captar cruzeiros em contrapartida às captações de dólares no mercado externo; 3) um aumento da parcela em dólares para os empréstimos feitos pelas empresas estatais e outros instrumentos que vêm sendo cogitados.

OUTRO LADO DA MOEDA

Mário Henrique Simonsen, na qualidade de ex-ministro "que já viveu e sentiu o outro lado da moeda", explicou que da sua experiência no governo aprendeu que as reivindicações, quando forem feitas, deverão sempre levar as soluções. E não se deve esquecer de avaliar as soluções propostas e seus efeitos na inflação e no balanço de pagamentos. Essa receita de Simonsen será apresentada aos outros membros do Conselho Superior de Economia, pois, para o ex-ministro, "soluções não operacionais nunca levam a nada".